



XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã



O BREGA COMO ORDEM COMUNICATIVA: formas de expressão popular por meio da canção¹

Marcello Monteiro Gabbay – Universidade São Judas Tadeu

RESUMO

O presente texto tem como objetivo apresentar reflexões sobre a canção popular como forma de expressão comunicativa que representa visões de mundo locais ou comunitárias. A metodologia consistiu em revisão bibliográfica e análise de material fonográfico; tendo como referencial teórico autores do campo da comunicação comunitária, da psicologia social e da canção. Ao final, propomos a canção brega como negatividade criativa ao impor estéticas populares periferizadas pela cultura hegemônica.

PALAVRAS-CHAVE

comunicação poética; canção popular; brega; comunicação comunitária.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo apresentar reflexões sobre a canção popular como forma de expressão comunicativa capaz de manifestar a visão de mundo, estéticas, valores e demais aspectos da alma coletiva em comunidades culturais periferizadas pela ordem vigente na indústria cultural.

Partimos do pressuposto de que o espírito comunitário que animou diversos movimentos socioculturais desde o século XX é caracterizado pelo desejo de superação do estigma produtivista da modernidade, que vem prejudicando o clima, as cidades e as economias locais. Mas, no século XXI, a fragmentação de vários modelos tradicionais da comunicação popular ou comunitária, como rádios, TVs e jornais, revela a possibilidade de explorar novos aspectos da expressão comunitária no campo poético (GABBAY, 2018).

Pensar a canção popular como dispositivo comunicacional comunitário requer retomar a prerrogativa de que a produção do comum se funda nas complexas relações do cotidiano, o que Maffesoli classificou como “o fundo das aparências”; “fundo” como profundidade, a parte mais subterrânea da cultura². É aquilo que recorrentemente temos ilustrado como a “sujeira” da vida comum (GABBAY, 2019; 2021).

Por outro lado, observam-se, historicamente, as formas de subalternização ou desqualificação das formas de expressão populares por meio da classificação “brega”, “feio”,

¹ Trabalho apresentado no GT2 – Culturas Populares, Identidades e Cidadania da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

² No título original em, francês, Maffesoli utiliza a palavra *creux* para fundo.

“ligeiro”. Tais termos têm, ao longo do último século, servido para invisibilizar as formas de comunicação poética de comunidades e grupos periferizados.

Neste texto, apresentamos o gênero brega, especialmente no Norte do Brasil, como forma de articulação comunicativa das identidades culturais de resistência por meio da estética sonora, na forma de um contra-discurso que acaba por impor uma negatividade criativa no imaginário coletivo.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada consistiu em revisão bibliográfica reunindo as bases teóricas de nossa proposição em três frentes: textos de abordagem psicossocial sobre a relação entre identidade e sombra na vida social; textos sobre a função comunicativa da canção popular; e textos sobre a comunicação comunitária na perspectiva do “espírito comum”.

Complementarmente, utilizamos a metodologia de análise de músicas do repertório bregueiro em sua estrutura sonora, textual e visual, com base em registros fonográficos das décadas de 1980 e 90 no norte do Brasil, as mais produtivas do gênero.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Nosso referencial teórico se sustenta nos textos que buscam ampliar o conceito de comunicação comunitária para uma perspectiva do cotidiano e da psicologia social. Fundamentalmente, a ideia de “cidade e alma”, de James Hillman (1993, p. 7-27) é um balizador ao considerar a cidade um espaço psíquico coletivo, o que nos leva a pensar o comum como dinâmica estética. E isso pode ser verificado em textos como “Estética da Comunicação”, de Luís Mauro Sá Martino (2007); “A Ciência do Comum”, de Muniz Sodré (2014), “A Partilha do Sensível” (2009) e “Aesthesis” (2021) de Jacques Rancière, e também em “No Fundo das Aparências” de Maffesoli (2010).

Assim, propor a canção brega como dispositivo de expressão com valor comunitário parte de dois pressupostos teóricos: primeiramente da ideia de que a comunicação popular deve buscar um “caminho de redescritção das tentativas sociais de produzir comunicação a partir da experiência comum, fora dos grandes circuitos do capital” (PAIVA, 1997, p. 10). E, em segundo lugar, da ideia de “sujeira” da vida comum, tema que aprofundamos em outros textos (GABBAY, 2019; 2019b; 2021). A “sujeira” é todo aquele gênero de manifestação popular considerado baixo, inculto, incompleto, mas que em verdade apresenta formas estéticas e comunicativas de uma ordem cultural precarizada ou subalternizada pelo sistema da cultura dominante.

Feia é a cultura popular aos olhos da cultura hegemônica, por representar tudo aquilo que é sombreado na ordem dominante: os afetos, símbolos, linguagens e estéticas do cotidiano popular. De modo geral, as estéticas bregas ou populares carregam representações psicossociais de seu lugar,

que quando experimentadas em âmbito massivo podem ser percebidas como sombrias, estranhas ou dissonantes, produzindo rasgos estéticos – e portanto psicossociais – no campo do discurso. O filósofo Byung-Chul Han (2019, p. 89) define a sensação de feiura como assimetria, ou seja, uma forma de distorcer o discurso, produzir estrias e contra-discursos.

Assim, compreendemos aqui que a linguagem surge das relações afetivas orgânicas das comunidades (PAIVA, 1997, p. 94); e a canção seria sua forma mais contundente dada a sua relação profunda com as culturas orais e cancionistas da vida brasileira (TATIT, 2004, p. 13; 34-35).

Desse modo, o brega assumiu um papel social de feiura que acaba produzindo uma negatividade criativa em relação ao senso comum, e ajudando a construir contra-discursos originários de comunidades populares do Norte do Brasil. No fim das contas, o brega reproduz, como mencionamos, a estética sensorial e psicológica das periferias culturais, com seus timbres que sugerem a paisagem sonora e social de suas territorialidades.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da produção fonográfica bregueira do norte do Brasil nas décadas de 1980 e 90 aponta a articulação de personas culturais que impõem uma negatividade criativa ao introduzirem no imaginário aspectos da cultura local, como suas formas, aparências, sonoridades, inquietações, afetos e hábitos. A articulação destas personas ajuda a consolidar uma identidade cultural de resistência por meio da estética sonora, ao transformar a “feiura” em valor sociocultural e dar representatividade à aspectos territoriais. Os aspectos mais recorrentes são as vinculações com o lugar e suas características climáticas e naturais, a sensualidade como forma de descrição da cultura, e um desejo de valorização dos códigos de pertencimento local.

Assim, por sua forma estranha aos modelos então conformados pelo senso comum, a canção brega surge como discurso dissonante, responsável pela produção de negatividades, formas de negação da ordem e proposição de outras ordens socioculturais, coletivas e estéticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a canção popular um processo de comunicação por meio de uma expressão poética – o que inclui não apenas as letras, mas de forma particularmente importante o sonoro, a experiência estética gerada pela troca simbólica de visões de mundo e valores coletivamente partilhados – seu principal efeito comunicacional será a geração de um valor comum, visto que, no tempo e espaço que comporta a experiência, é capaz de sustentar o vínculo inventado culturalmente, porém partilhado por meio da relação, do corpo-a-corpo, da dança, da canção. O espírito comum que sustenta o comunitarismo cancionista está intimamente ligado à experiência vivida corporalmente no cotidiano.

Referências

GABBAY, Marcello M. O COMUM NA CULTURA POPULAR: o papel da canção no “sujo” comunitarismo contemporâneo. In: 42o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019. UFPA. **Anais do 42o Congresso da Intercom**: Intercom, 2019. pp. 1-15.

_____. Transfiguração e Sexualidade: a herança “suja” de Michel Maffesoli para os estudos do cotidiano. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13 n. 2. Niterói: UFF, 2019b.

_____. **Comunicação Poética e Música Popular**. Curitiba: Appris, 2018.

_____. **Música Estranha**. Belém: Paka-Tatu, 2021.

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo**. Petrópolis: Vozes, 2019.

HILLMAN, James. **Cidade e Alma**. São Paulo: Ed. Studio Nobel, 1993.

MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum**: comunidade, mídia e globalismo. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

TATIT, Luiz. **O Século da Canção**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.